

FERRO, ANTÓNIO

(Lisboa, 1895 – 1961)

Personalidade literária situada na franja mais periférica do modernismo, de que assumiu os tiques e os lugares-comuns, a partir de 1933 definiu e orientou a «política de espírito» do Estado Novo, através do Secretariado de Propaganda Nacional, que durante anos dirigiu. Foi, em 1915, o editor do «Orpheu», escreveu novelas e proferiu conferências de um artificial inconformismo, estreou duas peças que suscitaram escândalo (*Mar Alto**, 1922, e *O Estandarte*, 1932), fundou um teatro de vanguarda (o «Teatro Novo», 1925, onde pôs em cena peças de Jules Romains e Pirandello), instituiu em 1936 o «Teatro do Povo», cujo louvável propósito de levar o teatro às mais remotas zonas do país foi todavia anulado pela selecção limitativa do repertório que, salvo em raros casos, se caracterizou por um moralismo primário e um anódino folclorismo, quando não por um didactismo político de baixo nível, e criou em 1940 o grupo de bailados «Verde-Gaio» que, não obstante a colaboração plástica e musical de alguns artistas talentosos, se ressentiu das mesmas limitações. Para o teatro escreveu ainda uma comédia que ficou inédita, *Eu Não Sei Dançar*, e três peças num acto (*Qual é a Coisa*, *Qual é Ela?*, *A Mulher Fatal* e *A Encruzilhada*), publicadas em 1927-28 na página teatral do «Diário de Notícias».

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, p. 74.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.